



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

LUCIANE DOS REMÉDIOS PANTOJA 03010005301

ANÁLISE DOS DEMONSTRATIVOS CONTÁBEIS I

**Belém
2007**

LUCIANE DOS REMÉDIOS PANTOJA 03010005301

ANÁLISE DOS DEMONSTRATIVOS CONTÁBEIS I

Trabalho apresentado como requisito para obtenção dos créditos da disciplina de Análise dos Demonstrativos Contábeis I, ministrada pelo professor Héber Lavor Moreira do Centro Sócio-Econômico, da Universidade Federal do Pará.

**Belém
2007**

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO	5
1. DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE DOS DEMONSTRATIVOS CONTÁBEIS.....	6
1.1. ANÁLISE DE VALORES ABSOLUTOS.....	6
1.2. ANÁLISE DE VALORES VERTICAIS.....	6
2. ANÁLISE DOS QUOCIENTES DE LIQUIDEZ.....	7
2.1. QUOCIENTE DE LIQUIDEZ CORRENTE (QLC):.....	7
3. ANÁLISE DOS QUOCIENTES DE ENDIVIDAMENTO.....	8
3.1. QUOCIENTE DE PARTICIPAÇÃO DAS DÍVIDAS DE CURTO PRAZO S/ ENDIVIDAMENTO TOTAL	8
3.2. QUOCIENTE DE PARTICIPAÇÃO DOS CAPITAIS DE TERCEIROS SOBRE OS RECURSOS TOTAIS	8
3.3. QUOCIENTE DE GARANTIA DE CAPITAIS DE TERCEIROS.....	9
4. ANÁLISE DOS QUOCIENTES DE ATIVIDADE	9
4.1. QUOCIENTE DE ROTAÇÃO DOS ESTOQUES.....	9
4.2. QUOCIENTE DE ROTAÇÃO DO ATIVO.....	10
4.3. PRAZO MÉDIO DE RECEBIMENTO	10
4.4. PRAZO MÉDIO DE PAGAMENTO.....	10
4.5. QUOCIENTE DE POSICIONAMENTO RELATIVO	10
5. ANÁLISE DOS QUOCIENTES DE RENTABILIDADE	11
5.1. RETORNO SOBRE INVESTIMENTO.....	11
5.2. MARGEM LÍQUIDA	12
5.3. ROTAÇÃO DO ATIVO OU GIRO DO ATIVO	12
5.4. TAXA DE RETORNO DE TERCEIRO	13
5.5. TAXA DE RETORNO PRÓPRIO.....	13
5.6. TAXA DE RETORNO TOTAL.....	13

RESUMO

As análises financeiras são avaliações subjetivas que contribuem para caracterizar o desempenho da empresa. Os analistas fazem uso de uma grande quantidade de índices, quocientes e indicadores agrupados de forma a avaliar as situações de liquidez, endividamento, rentabilidade, velocidade etc.

As empresas atuam no contexto econômico de forma dinâmica sempre interagindo com o mercado.

O Objetivo desta análise é demonstrar, qualificar e avaliar os indicadores, comprovando a sua utilização para o bom desenvolvimento da capacidade produtiva, buscando maior eficiência na atividade operacional, assim como maior eficácia nos resultados.

INTRODUÇÃO

Fundado em 1968 na Holanda, a empresa aqui abordada, Makro Atacadista S/A, iniciou suas atividades no Brasil em 1972 com a primeira loja na cidade de São Paulo. O crescimento do Makro Atacadista no Brasil foi conservador nos seus primeiros 15 anos, com a abertura média de uma loja ao ano. Após estes 15 anos, a companhia adotou uma estratégia agressiva de expansão, aumentando o número de lojas de 11 em 1986 para 21 em 1990. Atualmente, o Makro Atacadista é a maior organização Mundial a operar pelo sistema cash-and-carry com vendas exclusivamente a clientes cadastrados. Presente em 21 estados no Brasil e no Distrito Federal (DF), com um total de 51 lojas com áreas de venda entre 3100 e 9900 metros quadrados. Seu sistema operacional: número de check-outs, carrinhos, porta paletes, estacionamento, etc, são desenvolvidos para atender com maior eficiência e rapidez aos comerciantes. O Makro Atacadista comercializa e distribui uma enorme variedade de produtos, sendo mais de 12.000 itens em alimentos, não-alimentos e marca ARO (a marca própria do Makro) a preços ainda mais reduzidos, possibilitando maior lucratividade aos clientes.

Agora, que conhecemos um pouco da empresa, irei analisar suas demonstrações contábeis e calcular seus índices.

1. DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE DOS DEMONSTRATIVOS CONTÁBEIS

1.1. ANÁLISE DE VALORES ABSOLUTOS

São todos os acontecimentos empresariais, ou seja, representam o cotidiano empresarial e suas informações são globais, sem muitos detalhes, servindo principalmente para indicar valores totais da contabilidade.

1.2. ANÁLISE DE VALORES VERTICAIS

Uma das grandes utilidades da Análise Vertical concentra-se na verificação da estrutura de composição dos itens das demonstrações e a sua evolução no tempo, com enfoque especial, também, ao estudo de tendências.

A idéia desta análise consiste no seguinte: estabelecer um item como base e a partir daí verificar quanto cada um dos demais itens representa em relação àquele escolhido como base. De outra forma: "É a análise da **estrutura** da demonstração de resultados e do balanço patrimonial, buscando evidenciar as **participações** dos elementos patrimoniais e de resultados **dentro do total**". (PADOVEZE, 1996, p.118)

1.3. ANÁLISE DE VALORES HORIZONTAIS OU DE TENDÊNCIA:

A Análise Horizontal dedica-se a elucidar como está ocorrendo a evolução de cada item ou conjunto de itens constantes das demonstrações no decorrer dos tempos. É chamada de horizontal por duas razões:

- estabelece o primeiro ano ou o ano-base para a análise e a partir deste verifica qual foi a evolução nos anos seguintes;

- preocupa-se com o crescimento ou decréscimo de itens ou conjunto de itens específicos, ou seja, não compara um item com outro no mesmo período e sim o mesmo item a cada período.

1.4. ANÁLISE DOS NÚMEROS DE ÍNDICES

Os índices são relações que se estabelecem entre duas grandezas e justificam-se, quando se deseja analisar a situação econômico-financeira de uma entidade, pelo fato de que a observação e apreciação de certas relações ou percentuais é mais significativa do que a apreciação de todos os itens contidos nas demonstrações.

Como já se comentou no início deste capítulo, é muito mais oportuno, então, selecionar um grupo de índices de boa representatividade que permitam à empresa análises precisas do que ater-se ao cálculo de uma série de quocientes, muitas vezes sem validade alguma.

Não obstante, a Análise através de Índices, assim como as demais análises, deve servir ao fim a que se destina; portanto, antes de se proceder a ela, é necessário responder o que se pretende com os cálculos e índices que serão encontrados.

2. ANÁLISE DOS QUOCIENTES DE LIQUIDEZ

2.1. QUOCIENTE DE LIQUIDEZ CORRENTE (QLC):

Este quociente relaciona todos os ativos de curto prazo (dinheiro prontamente disponível e recursos rapidamente realizáveis) com os passivos de curto prazo da organização, representando o quanto de recursos está disponível no curto prazo para se liquidarem as dívidas também de curto prazo. Assim, quanto maior o valor apurado, melhor.

Agora vamos acompanhar cada da empresa aqui abordada:

QLC: A capacidade de pagamento em curto prazo permaneceu praticamente a mesma de 2004 para 2005, sem muitas alterações, ou seja, pra cada real de dívida a

empresa dispõe de 0,83 a 0,84, não sendo portanto satisfatória, uma vez que, não liquida suas obrigações a curtíssimo prazo

QLI: A capacidade de liquidez imediata da empresa, não é muito satisfatória para seus credores, pois para cada real de dívida, possui 0,06 da capacidade de pagamento em 2004 e em 2005 aumentou para 0,11, por mais que tenha aumentado de 2004 pra 2005, mesmo ainda não é suficiente para saldar suas obrigações.

QLG: Observa-se uma estabilidade neste índice, comparando 2004 e 2005, como os outros índices, este também não é satisfatório.

QLS: Observa-se que em 2004 para 2005, também existe uma estabilidade neste índice.

3. ANÁLISE DOS QUOCIENTES DE ENDIVIDAMENTO

3.1. QUOCIENTE DE PARTICIPAÇÃO DAS DÍVIDAS DE CURTO PRAZO S/ ENDIVIDAMENTO TOTAL

O quociente de endividamento indica o nível de utilização de recursos bancários comparativamente ao total de recursos de terceiros. Analisar a sazonalidade do setor de atividade da empresa é muito importante, uma vez que produtos sazonais geralmente demandam maior volume de recursos em determinadas épocas.

$$\frac{QP\ DIV\ C/P}{S/ End\ Total} = \frac{PC}{PC + Ex\ L/P}$$

3.2. QUOCIENTE DE PARTICIPAÇÃO DOS CAPITAIS DE TERCEIROS SOBRE OS RECURSOS TOTAIS

Expressa o quociente a porcentagem que o endividamento representa sobre os fundos totais. Também significa qual a porcentagem do ativo total financiada com recursos de terceiros

$$QP C3^o = \frac{PC + ELP}{PT} * 100$$

3.3. QUOCIENTE DE GARANTIA DE CAPITAIS DE TERCEIROS

As garantias de capitais de terceiros fornecem uma indicação da utilização de recursos de terceiros relativamente aos recursos próprios. Quanto maior for esta relação, maior será o risco de crédito apresentado.

$$QGC 3^o = \frac{PL}{C3^o} * 100$$

Agora vamos acompanhar cada da empresa aqui abordada:

QpDivCps/EndTotal: Observa-se que de 2004 pra 2005, houve uma estabilidade nas dívidas totais que vencem a curto prazo.

QPC3°s/RecTotal: Esta empresa, aumentou de 2004 para 2005 seu capital de terceiros. E possui mais de 70% de seu capital nas mãos de terceiros.

CGC3°: A empresa no ano de 2004 para 2005, não obteve um bom desempenho ocasionando baixa confiabilidade de seus investidores.

4. ANÁLISE DOS QUOCIENTES DE ATIVIDADE

4.1. QUOCIENTE DE ROTAÇÃO DOS ESTOQUES

Esse quociente, bastante popular entre os analistas, procura mensurar quantas vezes se “renovou” o estoque de produtos ou mercadorias por causa das vendas.

$$RE = \frac{CPV}{EM} \quad , \text{ onde } \quad EM = \frac{EI + EF}{2}$$

4.2. QUOCIENTE DE ROTAÇÃO DO ATIVO

Este quociente de atividade expressa quantas vezes o ativo "girou" ou se renovou pelas vendas. Pode ser desdobrado numa série de subquocientes, tais como: Vendas/Ativo Circulante, Vendas/Ativo Permanente etc. No numerador, podemos utilizar vendas brutas ou, como variante, vendas líquidas.

$$RA = \frac{V. Liq}{AM}$$

4.3. PRAZO MÉDIO DE RECEBIMENTO

Mostra o prazo médio das vendas praticado com os clientes ao longo do ano. De modo geral, quanto menor melhor.

$$PMR = \frac{\frac{Clientes}{Vendas}}{360}$$

4.4. PRAZO MÉDIO DE PAGAMENTO

Mostra o prazo médio para o pagamento das compras obtido com os fornecedores ao longo do ano. De modo geral quanto maior melhor.

$$PMP = \frac{\frac{Fornec.}{Compras(C)}}{360}$$

4.5. QUOCIENTE DE POSICIONAMENTO RELATIVO

A empresa deveria fazer o possível para tornar este quociente inferior a 1 ou, pelo menos, ao redor de 1 a fim de garantir uma posição neutra. Considere-se que a influência dos quocientes vistos é muito grande sobre a posição presente e futura de

liquidez (a curto e a longo prazo). À medida que diminuirmos o prazo médio de recebimento em relação ao prazo médio de pagamentos, estaremos propiciando condições mais tranquilas para obter posicionamentos estáticos de liquidez mais adequados. Como o excesso de recebíveis diminui o “giro do ativo” (veja quocientes de rentabilidade), é preciso aumentar a margem de lucro sobre as vendas para compensar o efeito negativo de giro baixo. Isto nem sempre é possível. Como dificilmente poderemos modificar sensivelmente o prazo médio de pagamentos, resta agirmos sobre a margem de lucro.

$$QPR = \frac{PMR}{PMP}$$

QRE: Observa-se que no ano de 2004, a empresa obteve o maior desempenho de vendas, uma vez que seu estoque teve uma renovação de 22,09 vezes em 16 dias, enquanto que em 2005, renovou seu estoque, apenas 10,92 vezes em um tempo maior que no ano anterior, que foi de aproximadamente 33 dias.

QRA: Observa-se que houve uma diminuição das vendas, em 2004 o quociente de rotação do ativo era de 7,02% e passou em 2005 para 3,70%.

PMR: Podemos observar que não houve vendas a prazo no período analisado

PMP: Observa-se que o prazo de pagamento aumenta, pois, em 2004 era de 48,69 e em 2005 passou para 55,29.

QPR: Não podemos analisar este quociente, pois no período em questão, não houve vendas a prazo.

5. ANÁLISE DOS QUOCIENTES DE RENTABILIDADE

5.1. RETORNO SOBRE INVESTIMENTO

Evidencia o potencial de geração de lucros por parte da empresa, isto é, quanto a empresa obteve de lucro líquido para cada real de investimentos totais. A interpretação

desse índice deve ser direcionada para verificar o tempo necessário para que haja retorno dos Capitais Totais (Próprios e de Terceiros).

O conhecimento do tempo necessário para que haja retorno dos Capitais Próprios e de Terceiros investidos na empresa.

$$RI = \frac{LL}{vL} * \frac{vL}{\frac{AM}{2}} * 100$$

5.2. MARGEM LÍQUIDA

Mostra a lucratividade final pertencente aos quotistas ou acionistas, em relação ao movimento de vendas gerado pela empresa em suas operações. Uma boa administração de aplicações financeiras e uma boa análise da legislação tributária, que permita um menor recolhimento de impostos, podem elevar muito este índice.

$$M = \frac{LL}{vL} * 100$$

5.3. ROTAÇÃO DO ATIVO OU GIRO DO ATIVO

É importante frisar que as empresas muitas vezes tomam decisões ou atuam em negócios que não dizem respeito exatamente aos seus produtos ou áreas de atuação. Por causa disso, muitos dos valores constantes do ativo podem ser desnecessários para a operação da empresa; descontando-se esses valores do ativo total, obtém-se o chamado ativo operacional.

O mesmo raciocínio serve para o lucro. Muitas das receitas e despesas constantes no demonstrativo de lucros e perdas não são resultantes da operação da empresa com seus produtos e/ou serviços na sua área de atuação; descontando essas receitas e despesas não operacionais, chega-se ao lucro operacional.

Desta forma, este índice mede a rentabilidade da empresa em relação a sua operação aos recursos existentes no ativo para a realização dessas operações.

$$RA = \frac{\text{Receita Operacional Líquida ou Vendas Líquidas}}{\text{Ativo Total Médio}} \quad \frac{\text{Ativo Total}}{\text{Ativo Total}}$$

5.4. TAXA DE RETORNO DE TERCEIRO

Representa o endividamento contraído pela empresa junto a fontes de financiamento que não os acionistas da empresa.

Há diversas formas através das quais o endividamento pode incrementar a performance da companhia elevando o seu valor intrínseco. Uma dessas formas refere-se ao benefício fiscal oriundo do uso de capital de terceiros em detrimento ao capital próprio para financiar investimentos/projetos. Suponha, por exemplo, uma empresa que decide substituir parte do seu capital próprio por capital de terceiros. A quantidade total de capital empregada no negócio não irá mudar e o retorno exigido pelos investidores (acionistas e outros financiadores) também não se alterará (já que o risco assumido é o mesmo), todavia, o custo de capital próprio implícito é substituído por uma despesa financeira explícita, a qual é dedutível do imposto de renda. O resultado desta decisão é uma adição de valor às ações da empresa, em quantia equivalente ao valor presente da economia de impostos (ou benefício fiscal).

5.5. TAXA DE RETORNO PRÓPRIO

5.6. TAXA DE RETORNO TOTAL

Quando um investidor faz uma aplicação em uma ação ou qualquer outro modo de aplicação financeira, é natural que deseje saber qual o retorno de sua aplicação, afim de poder tomar decisões em relação à esta ou outras aplicações e consequentemente necessita de métodos que possibilitem mensurar a rentabilidade das aplicações que realizou.

RSI: Ao analisar, percebemos que em 2004, para cada real investido, a empresa obteve 9 (nove reais) de lucro líquido. Este percentual diminuiu no ano de 2005, pois, para cada real, obteve 0,10 (dez centavos). Uma instabilidade preocupante.

ML: Segundo a análise, no ano de 2004, para cada real vendido, a empresa obterá um lucro líquido de 2,73 (dois reais e setenta e três centavos) e em 2005 diminuiu para 2,36 (dois reais e trinta e seis centavos).

RA: Segundo a análise, as receitas obtidas em cima dos investimentos totais de vendas houve um retorno de 1,76 (Hum Real e setenta e seis centavos) em 2004 e 1,73 (hum Real e setenta e três centavos) em 2004.

TRT: Esta análise demonstra que a empresa Makro Atacadista está com uma grande credibilidade no mercado, pois, o índice de retorno sobre o capital de terceiro em 2004 de 28,21 (vinte e oito reais e vinte e um centavos), aumentou para 30,67 (trinta reais e sessenta e sete centavos) em 2005, demonstrado que a empresa é confiável para investimentos.

TRP: Segundo esta análise, as taxas de retorno s/ os investimentos de capital próprio demonstra a estabilidade econômica da empresa, pois, para cada real investido em 2004 obteve 27,78 (vinte e sete reais e setenta e oito centavos) de retorno, em 2005 essa rentabilidade aumentou para 28,21 (vinte e oito reais e vinte um centavos).

TRTotal: Observa-se que em 2004 para cada real investido na empresa, os acionistas obtiveram retorno de 17,49, e em 2005 esta taxa diminuiu para 14,24 tornando-se preocupante para os mesmos.